



**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - FATECS**  
**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**  
**HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**  
**ÁREA: JORNALISMO IMPRESSO**

**ESTUDO TEÓRICO SOBRE OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE  
DAS COLUNAS SOCIAIS**

**ANA CARLA RODRIGUES DE SOUZA**

**RA Nº: 2060524/3**

**PROFESSOR (A) ORIENTADOR (A):**

**MÔNICA PRADO**

**Brasília/DF, novembro de 2009**

**ANA CARLA RODRIGUES DE SOUZA**

**ESTUDO TEÓRICO SOBRE OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE  
DAS COLUNAS SOCIAIS**

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Mônica Prado

**Brasília/DF, novembro de 2009.**

**ANA CARLA RODRIGUES DE SOUZA**

**ESTUDO TEÓRICO SOBRE OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE  
DAS COLUNAS SOCIAIS**

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do curso de Comunicação Social com habilitação em jornalismo do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Mônica Prado

**Banca examinadora:**

---

**Prof(a). Mônica Prado**  
**Orientador(a)**

---

**Prof(a). Severino Francisco**  
**Examinador(a)**

---

**Prof(a). Cláudia Busato**  
**Examinador(a)**

**Brasília/DF, novembro de 2009.**

*Dedico este trabalho ao meu pai, que onde estiver, espero que esteja orgulhoso de mais essa etapa alcançada.*

*Agradeço a todos que me ajudaram na construção desse importante trabalho. Principalmente a minha família e amigos. Devo agradecimentos especiais ao meu namorado Bruno, minha mãe, meus irmãos e as minhas amigas Ana Helena, Thalita e Janaína, muito obrigada a todos pelo apoio, compreensão e paciência. A orientadora, por toda dedicação e incentivo.*

"Será que uma verdadeira sociedade precisa mesmo de cronista social?"

Mário Quintana, poeta

## RESUMO

A monografia faz uma reflexão sobre os usos dos critérios de noticiabilidade das colunas sociais. Como método para analisar os fatos foi escolhido a pesquisa bibliográfica. Primeiramente foi analisado o gênero a que as colunas sociais pertencem, seguida de uma contextualização sobre o colunismo e um pouco da história de Ibrahim Sued, famoso colunista carioca. Os resultados da análise foram alcançados com base nos critérios de noticiabilidade adotados por Nelson Traquina e Felipe Pena, e comparados com algumas colunas sociais escritas atualmente do Brasil. Pode-se constatar, entre outros pontos, que os principais critérios de noticiabilidade usados nesse gênero é a notoriedade e a novidade.

**Palavras-chave:** Colunas Sociais, Jornalismo Impresso, Critérios de noticiabilidade, Gêneros Jornalísticos.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. Justificativa.....	10
1.2. Objetivos.....	11
1.2.1 Objetivo Geral.....	11
1.2.2 Objetivos Específicos.....	11
2. DESENVOLVIMENTO.....	12
2.1 Gêneros do jornalismo.....	12
2.1.1 Contextualização histórica.....	13
2.1.2 As classificações dos Gêneros Jornalísticos.....	14
2.1.3 O Jornalismo Opinativo.....	20
2.2 Critérios de noticiabilidade.....	23
2.2.1 Os critérios de noticiabilidade atuais.....	26
2.3 O colunismo Social.....	33
2.3.1 O surgimento do colunismo social.....	39
2.3.2 As colunas de Ibrahim Sued.....	40
2.3.3 As colunas sociais atuais.....	42
2.4 Análises dos critérios de noticiabilidade do Colunismo Social.....	44
3. CONCLUSÃO.....	47
4. DESDOBRAMENTOS PARA FUTUROS TRABALHOS.....	49
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	50



## 1. INTRODUÇÃO

Grande parte dos principais jornais brasileiros destinam uma página (ou mais) para colunas sociais. Em geral assinadas por jornalistas. Nesse espaço, são expostos os eventos que o jornal julga importante para o interesse do público. De forma geral são noticiados festas e eventos de pessoas que o próprio jornal julga se são notícias ou não. Maior parte dos entrevistados são conhecidos do grande público.

Por que o lançamento da grife X é mais importante que Y? Por que noticiar o aniversário de fulana e não de cicrana? Mas afinal retratar aniversários, promoções em lojas, casamentos, é interesse público ou interesse do público? Qual é o critério de noticiabilidade dessas notícias? Esse tipo de coluna representa um segmento jornalístico? Para responder a essas perguntas serão analisados nessa pesquisa, os valores-notícia usados nas colunas sociais brasileiras.

Trabalha-se com a hipótese de que essa prática de jornalismo atende verdadeiramente um segmento, a publicidade. O objetivo dessa pesquisa é mostrar a relevância desse tipo de texto. O porquê da coluna social estar presente em vários veículos de comunicação, tantos jornais de pequeno porte quanto nos grandes. Também buscamos revelar qual é o critério de noticiabilidade das colunas e, como é feita a escolha das pautas.

Como se trata de um assunto atemporal foi escolhida a realização de uma pesquisa bibliográfica, para a qual foram procurados artigos científicos, teses, monografias e livros que abordam a temática para verificar o que pensadores da área estão escrevendo ou escreveram sobre o assunto.

## 1.1 Justificativa

Pesquisar sobre o jornalismo que é feito nas colunas sociais a princípio pode não parecer um tema relevante. É um assunto periférico, que não está presente nas principais discussões e pesquisas do meio acadêmico. Há pouca pesquisa sobre o assunto, e justamente por essa razão a análise se torna de suma importância. É pertinente, por ser corriqueiro, pela abrangência de leitores que atende.

A pesquisa é destinada ao público leitor, aos jornalistas que fazem esse tipo de trabalho, pensadores e pesquisadores da comunicação de massa.

Colunas sociais estão presentes em praticamente todos os jornais, e em revistas. São feitas em geral por jornalistas, e bastante lidas pelo público destinado. A pesquisa se torna relevante para conscientizar o público, e aguçar nos leitores uma crítica. Conscientizando que nem tudo que eles leem é notícia. E fazendo os refletir se essas “notícias” são de interesse público ou interesse do público.

A escolha do tema dessa pesquisa se reflete em uma inquietação pessoal adquirida em uma experiência desenvolvida através de um estágio na área de jornalismo social em um dos jornais da cidade. Decidi tentar encontrar respostas para uma pergunta que começou a se tornar cada vez mais frequente: Quais critérios esse jornal usa para noticiar os acontecimentos sociais da cidade?

Pretendo nessa pesquisa descobrir qual é o verdadeiro papel da coluna social no jornal. Até que ponto isso é jornalismo. Qual é o critério de noticiabilidade desse gênero. Ao final dessa pesquisa espero conseguir responder essas e mais perguntas sobre esse “gênero jornalístico” que ocupa tanto espaço nos jornais. E possivelmente passar a gostar ou não, dessa editoria. Com certeza indiferente não serei mais.

## **1.2 Objetivos**

### 1.2.1 Geral

- Refletir sobre os critérios de noticiabilidade dos textos das colunas sociais.

### 1.2.2 Específicos

- Observar se o colunismo social segue os principais critérios de notícia a partir de uma pesquisa bibliográfica;
- Identificar se o jornalismo feito por esse tipo de coluna é opinativo ou informativo.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Gêneros Jornalísticos

Não existe um consenso sobre a divisão dos textos jornalísticos dentro dos gêneros adotados na atualidade. Diversos autores dividem o jornalismo de forma diferenciada seguindo os modelos mais propícios para sua comunidade. Essas correntes mantêm posições bem diferentes sobre o tema, principalmente os pensadores de nacionalidades distintas. Neste capítulo serão apresentadas essas ideias divergentes, mostrando em especial, a classificação do colunismo social.

Tem toda razão José Martinez de Souza quando diz que “o jornalismo mundial não é uma entidade unificada”, existindo “aspectos formais” que distinguem os diversos jornalismo. Referindo-se especificamente aos gêneros, ele diz: “A imprensa estadunidense somente utiliza dois gêneros: o comments e a story, enquanto entre os latinos são normais outras visões em mais de dois gêneros”. (MELO,2003,p.42)

Iniciaremos esse capítulo com a seguinte pergunta: O que são e quais são os gêneros jornalísticos? Para tentarmos responder essa indagação vamos recorrer a um dos principais pensadores sobre a questão no Brasil. De acordo com José Marques de Melo (2003), a resposta para essa questão vem sendo buscada quase que exclusivamente por pensadores europeus e recentemente pelos latino-americanos.

Gargurevich, em estudo recente avalia criticamente as análises a respeito das questões, diz que os gêneros jornalísticos são “formas que busca o jornalista para se expressa”. Seu traço definido está, portanto, no “estilo”, no manejo da língua: são “formas jornalístico-literárias”, porque seu objetivo é o “relato da informação e não necessariamente o prazer estético”. É a mesma orientação adotada por Dovifat, para quem as “formas de expressão jornalística” se definem pelo “estilo” e assumem “expressão própria” pela “obrigação de tornar a leitura interessante e motivadora” [...].(MELO,2003,p.43)

José Marques de Melo (2003) afirma que a melhor caracterização é feita por Foliet, que define como “utilitária”, pois as diferenças entre os gêneros surgem da

correspondência dos textos que os jornalistas escrevem em relação às inclinações e aos gostos do público. “ A essência do estilo jornalístico estaria na tentativa de fazer o relato do cotidiano utilizando uma linguagem capaz de estar sintonizada [...]”(MELO,2003,p.43).

Analisando as ideias citadas pelo autor fica claro que os gêneros são delimitados culturalmente. Ao buscar um determinado estilo o jornalista busca manter uma ligação com o seu público leitor. Sendo um paralelo contraditório, pois por mais que as grandes empresas jornalísticas vêm se tornando grandes conglomerados empresariais, o jornalismo em sua base continua seguindo características regionalistas.

### **2.1.1 Contextualização histórica**

Antes de explorarmos os modelos definidos pelas diferentes nacionalidades, vamos contextualizar o surgimento dos estudos sobre os gêneros jornalísticos. Segundo Felipe Pena (2005), a definição dos gêneros vem sendo estudado desde a Grécia Antiga, tendo uma de suas primeiras classificações proposta pelo filósofo Platão. O pensador se baseou nas relações entre literatura e realidade, dividindo o discurso em mimético, explosivo ou misto. Apesar das diversas mutações ao longo do tempo, há uma certa unanimidade para diferenciar alguns gêneros da literatura, como a poesia e prosa.

No jornalismo, a primeira tentativa de classificação foi feita pelo editor inglês Samuel Buckley no começo do século XVIII, quando resolveu separar o conteúdo do jornal *Dauil Courant* em *News* (notícias) e *comments* (comentários). Para se ter uma ideia da dificuldade em estabelecer um conceito unificado de gênero, essa divisão demorou quase duzentos anos para ser efetivamente aplicada pelos jornalistas. (PENA, 2005,p.66)

Uma das primeiras escolas que começou a investigar os gêneros jornalísticos foi a Universidade de Navarra, em 1959. A princípio os pensadores dividiram os textos jornalísticos em informativos, explicativos, opinativos e de entretenimento. Posteriormente o pesquisador Catalão, Hector Borrat, sugeriu uma mudança nas divisões passando a tratá-los como narrativos, descritivos e argumentativos. No

Brasil, há duas figuras expressivas que estudam os gêneros, Luiz Beltrão e José Marques de Melo.

José Marques de Melo se baseia nos seguintes critérios: 1. finalidade do texto ou disposição psicológica do autor, ou ainda intencionalidade; 2. estilo; 3. modos de escrita, ou morfologia, ou natureza estrutural; 4. natureza do tema e topicalidade; e 5. articulações interculturais (cultura). As sistematizações de Marques de Melo também levam em conta geografia, o contexto sociopolítico, a cultura, os modos de produção e as correntes de pensamento. (PENA, 2005,p.67)

A seguir será exemplificado e explicado os modelos adotados por diferentes etnias. Veremos as diferenças e semelhanças das classificações adotadas pelos principais pensadores sobre o tema.

### **2.1.2 As classificações dos Gêneros Jornalísticos**

José Marques de Melo (2003) aponta diversos modelos e classificações para gêneros jornalísticos. Como as classificações européias, norte-americanas, hispano-americanas, e as brasileiras. Em parte delas não é claro em que gênero o colonismo se enquadra.

A classificação francesa é dada como um dos exemplos de jornalismo europeu. O autor adota as classificações dos pensadores Folliet e de Kayser.

Folliet aponta os seguintes gêneros:

- 1-Editorial
  - 2-Artigos de fundo
  - 3-Crônica geral (resenha dos acontecimentos)
  - 4-Despachos (reportagens e entrevistas)
  - 5-Cobertura setorial
  - 6-Fait-divers
  - 7-Crônica especializada (crítica)
  - 8-Folhetim (ficção)
  - 9-Fotos e legendas
  - 10-caricaturas
  - 11-Comics
- (MELO,2003, p.44 e 45)

Chama atenção nessa primeira classificação a grande quantidade de gêneros definidos pelo autor. “Trata-se de uma classificação abrangente, incluindo todas as matérias publicadas pelo jornal, exclusivamente os anúncios. Nessa lista pelo menos

duas – folhetim e comics – não pertencem ao propriamente jornalístico[...]”(MELO,2003,p.45).

Já a classificação adotada por Kayser é menos abrangente, sendo elaborada a partir de estudos sobre jornais diários. No entanto, segue com uma característica muito parecida com o pensamento de Folliet, a inclusão de entretenimento.

A classificação de Kayser é elaborada a partir do seu estudo da personalidade dos jornais diários, e adotando o parâmetro das “unidades redacionais”, mostra-se mais compactada. Ele diz que os diários franceses adotam 7 gêneros:

- 1-Informações
  - 2-Artigos
  - 3-Combinações “informações-artigos”
  - 4-Sumários de imprensa e de emissões radiofônicas
  - 5-Folhetins, contos e novelas, quadrinhos e fotonovelas
  - 6-Cartas dos leitores
  - 7-Secções de serviço
- (MELO,2003, p. 45)

Em uma comparação aos dois autores podemos perceber que a classificação de Kayser e Folliet são extremamente parecidas. O diferencial é que Kayser agrupa os diversos gêneros adotados por Folliet. Os principais itens de uma classificação estão na outra, mas de uma forma simplificada.

Comparando-as, observamos que a rubrica *informações* de Kayser agrupa os seguintes itens de Folliet: crônica geral, cobertura setorial, fait divers, fotos e legendas; os artigos de kayser abrangem o editorial, os artigos de fundo e a crônica especializada de Folliet. O que Kayser chama de combinações “informação-artigo”, parece ser a secção de despachos – reportagem e entrevistas de Folliet [...]. (MELO, 2003, p. 45)

Mesmo compactando alguns itens de Folliet, Kayser traz dois itens novos, as cartas dos leitores e secções de serviço. Mas deixa de fora as caricaturas, e as fotos. Se tornando assim um modelo mais voltado para texto.

O autor Felipe Pena (2005) faz críticas à classificação francesa, alegando que há um erro na inclusão de unidades redacionais que pertencem ao imaginário como os folhetins e do entretenimento, como os quadrinhos.

Como parâmetro para o modelo americano analisaremos a classificação feita por Fraser Bond. Nela os gêneros são divididos basicamente em opinativos e informativos.

Podemos dizer que a classificação de Fraser Bond é a seguinte:

- A) Noticiário
    - 1. Notícia
    - 2. Reportagem
    - 3. Entrevista
    - 4. História de interesse humano
  - B) Página Editorial
    - 5. Editorial
    - 6. Caricatura
    - 7. Coluna
    - 8. Crítica
- (MELO, 2003, p. 46)

Ao contrário dos modelos franceses a classificação norte-americana apresenta nosso objeto de estudo, classificando-o como pertencente à Página Editorial. No entanto, a classificação não agrada os autores Felipe Pena (2005) e José Marques de Melo (2003). Ambos acreditam que a classificação não reflete o jornalismo que é feito nas grandes empresas de comunicação norte-americanas. “Classificação americana não reflete o dinamismo dos grandes jornais e revistas, nem das prósperas emissoras de TV americanas na atividade noticiosa” (PENA, 2005, p. 68).

José Marques de Melo (2003) acrescenta a contextualização histórica da época em que o modelo foi apresentado. “Nessa época estava em plena eclosão a tendência que, no período intermediário entre o crack de 1929 e a entrada norte-americana na Segunda Guerra Mundial, chamou-se de “interpretative journalism” ”. (MELO, 2003, p. 43).

Voltando ao jornalismo europeu, a classificação adotada pelo jornalismo italiano também faz referência ao colunismo. Domenico de Gregório em uma ampla divisão de categorias rotula o jornal em notícias e ideias. As colunas ficam divididas no campo da ideias.

Eis a classificação esboçada:



## Notícias

1. Notícia
2. Artigo
3. Entrevista
4. Crônica
5. Noticiário
6. Resumo

## Ideias

7. Comentário
  8. Editorial
  9. Coluna
- (MELO, 2003, p.50)

De acordo com José Marques de Melo (2003), o pesquisador italiano pouco aduz a respeito dos gêneros. Mas o escritor brasileiro traduz de forma importante o papel das colunas na classificação italiana. “A coluna fixa como um espaço onde se intercalam informações e ideias sobre temas específicos” (MELO, 2003, p.50).

Seguindo essa afirmação vemos que mesmo sendo classificado no campo das ideias, que seria voltado ao jornalismo opinativo, é afirmado que se trata de um jornalismo setorial, desenvolvido através de informação e com um toque de opinião.

No jornalismo hispano-americano vamos analisar as ideias do pesquisador peruano Juan Gargurevich e do venezuelano Julio Cabello. Gargurevich realizou uma pesquisa comparativa sobre as formas de expressão utilizadas pelo jornalismo latino-americano. Tendo como forte fonte de inspiração a observação das influências recebidas pelo jornalismo europeu e norte-americano.

- 1- Nota informativa
  - 2- Entrevista
  - 3- Crônica
  - 4- Testemunho
  - 5- Gêneros gráficos (fotografia, mapas, diagramas, caricatura)
  - 6- Campanha
  - 7- Folhetim
  - 8- Coluna
  - 9- Resenha
  - 10- Editorial
  - 11- Reportagem
- (MELO, 2003, p.53)

O próprio Gargurevich adverte que a classificação adotada por ele não é uma lista fechada. Pois o dinamismo e criatividade dos profissionais latino-americanos fazem o texto nem sempre seguir uma fórmula invariável.

Observamos que a classificação também lembra o colonismo, no entanto, não faz uma distinção precisa sobre o seu papel no modelo.

Já o venezuelano Julio Cabello realizou um dos raros estudos sobre os gêneros jornalísticos no rádio. Trazendo uma classificação que também mostra o colonismo, o classificando mais uma vez como opinativo.

Os gêneros identificados nos programas radiofônicos da Venezuela situam-se em três grandes categorias: informativos, interpretativos e opinativos.

- A) Informativos
    - 1. Noticiário
    - 2. Entrevista
    - 3. Fórum ou mesa-redonda
  - B) Interpretativos
    - 4. Documentários
  - C) Opinativos
    - 5. Editorial
    - 6. Coluna
    - 7. Crônica
    - 8. Caricatura
    - 9. Mancheta
- (MELO, 2003, p.57)

Um fato interessante nessa classificação é a existência de uma coluna dentro de um modelo pensado para o rádio. “Sintomático da dependência em relação ao jornalismo impresso é a denominação do gênero coluna, apropriado para o jornal ou revista, mas totalmente descolado no rádio [...]” (MELO, 2003, p.57).

No jornalismo brasileiro há dois grandes nomes que estudam a questão dos gêneros jornalísticos, Luiz Beltrão e José Marques de Melo. Abaixo a classificação adotada por Beltrão.

- A) Jornalismo Informativo
  - 1. Notícia
  - 2. Reportagem
  - 3. História de interesse humano
  - 4. Informação pela imagem
- B) Jornalismo Interpretativo

5. Reportagem em profundidade

C) Jornalismo Opinativo

6. Editorial
7. Artigo
8. Crônica
9. Opinião ilustrada
10. Opinião do leitor

(MELO, 2003, p.60 e 61)

Em sua classificação Beltrão usa como critério a questão funcional. Sugerindo uma separação dos gêneros segundo o desempenho junto aos leitores, que é informar, explicar e orientar. “Beltrão não se ateve à natureza de cada um, mas obedeceu ao senso comum que rege a própria atividade profissional, estabelecendo limites e distinções entre as matérias [...]” (MELO, 2003, p.60).

Com base na classificação de Beltrão, José Marques de Melo desenvolve sua classificação própria, dividindo os gêneros em duas categorias: Jornalismo Informativo e Jornalismo Opinativo. As colunas são abordadas pelo pensador, que por sua vez, as classifica, assim como os outros pesquisadores, como jornalismo opinativo.

A) Jornalismo informativo

1. Nota
2. Notícia
3. Reportagem
4. Entrevista

B) Jornalismo Opinativo

5. Editorial
6. Comentário
7. Artigo
8. Resenha
9. Coluna
10. Crônica
11. Caricatura
12. Carta

(MELO, 2003, p.65)

José Marques de Melo (2003) analisa a coluna juntamente com as crônicas, caricaturas e cartas, pois o pesquisador aponta que todas tem como ponto comum: a identificação da autoria.

A coluna e a caricatura emitem opiniões temporalmente contínuas, sincronizadas com a emergir e o repercutir dos acontecimentos [...] A crônica e a coluna incorporam a mediação com a ótica da comunidade ou dos grupos sociais que a instituição jornalística se dirige. (MELO,2003,p.67)

Ao analisarmos as classificações expostas nesse capítulo temos uma unanimidade, todos os pesquisadores que abordaram as colunas em suas classificações as mantiveram na distinção ligada ao jornalismo opinativo.

Com isso podemos perceber que os maiores pensadores sobre o assunto veem os textos desenvolvidos pelos colunistas como pertencentes ao gênero opinativo. No entanto, não há uma classificação específica para as colunas sociais. Abaixo veremos a definição do gênero opinativo para analisarmos se o nosso objeto de estudo se encaixa nesse estilo.

### **2.1.3 O Jornalismo Opinativo**

O gênero opinativo sempre esteve presente no jornalismo. Desde do início dos primeiros jornais até as publicações atuais. Esse conceito resistiu fortemente há várias mudanças na estrutura das empresas jornalísticas. Os primeiros periódicos, na maioria das vezes, eram feitos por equipes pequenas, em alguns casos até mesmo por uma única pessoa. Atualmente as redações estão cada vez mais cheias, empregando muitos profissionais, no entanto, uma das principais características dos primeiros jornais se mantém: a opinião continua.

O monolitismo opinativo caracterizou a vida dos primeiros jornais e revistas, que eram obra de uma só pessoa. Lembre-se no Brasil, o caso de O Correio Braziliense, nosso primeiro periódico, cuja unidade opinativa deve-se à circunstância de haver sido produzido solitariamente por Hipólito da Costa, na Inglaterra. Fenômeno semelhante ocorreu com tantas publicações brasileiras do século passado: As Sentinelas de Cipriano Barata, O Censor Maranhense de Garcia Abranches, O Carapuceiro, do Padre Lopes Gama, A Aurora Fluminense, de Evaristo de Veiga, o Observador Constitucional, de Líbero Badaró, ou Idade D'Ouro di Brasil, inicialmente de Gonçalo Vicente Portela e depois de Inácio José Macedo. (MELO,2003,p.101)

Com o passar dos anos o jornalismo enfrentou um processo de transformação. Se antes grande parte dos jornais mantinham seus textos com

caráter opinativo, na imprensa atual, há espaços reservados para esse gênero, que vem sendo representado de forma bem peculiar. Em diversos casos o jornal deixa evidente que o texto é opinativo, fato bem diferente do passado jornalístico, onde grande parte da mídia fazia questão de misturar opinião e informação.

Conforme a classificação adotada por José Marques de Melo (2003), o jornalismo opinativo atual é composto por editorial, comentário, resenha, coluna, crônica, artigo, carta e caricatura. O editorial é a expressão oficial da empresa diante dos fatos de maior repercussão do momento. Já o comentário tem a função de informar rapidamente e resumidamente as principais manchetes, aguçando no leitor uma curiosidade sobre o determinado tema. O artigo é usado no jornalismo brasileiro como uma matéria escrita por colaboradores, sendo publicada geralmente em páginas próximas aos editoriais. “A resenha corresponde a uma apreciação das obras-de-arte ou dos produtos culturais, com a finalidade de orientar a ação dos fruidores consumidores” (MELO,2003,p.129).

José Marques de Melo (2003) define as crônicas como a narrativa dos fatos, de forma cronológica, como documento para a posteridade. As caricaturas, segundo o pesquisador, são formas de ilustração que a imprensa absorve com sentido nitidamente opinativo. Sua imagem, muitas vezes, ridicularizam, fazem sátiras e/ou críticas. As cartas servem como um canal de comunicação do leitor com o veículo de comunicação. Já o conceito de colunas serão detalhadamente explicadas no terceiro capítulo desse documento.

José Marques de Melo (2003), defende que a estrutura do jornalismo atual comporta diferenças de perspectiva na apreensão e valorização da realidade. “Existe uma abertura para que a valorização das notícias possa ensejar a circulação de diferentes pontos de vista. A amplitude desse espaço varia de instituição e depende sempre da conjuntura política nacional” (MELO,2003,p.102). A partir disso, José Marques de Melo (2003) afirma que a valorização dos acontecimentos acontece através da concretização dos gêneros opinativos e define que eles emergem sobre quatro grupos: a empresa, o jornalista, o colaborador, o leitor.

A opinião da empresa, ademais de se manifestar no conjunto da orientação editorial (seleção, destaque, titulação), aparece oficialmente no editorial. A opinião do jornalista, entendido como profissional regularmente assalariado e pertencente aos quadros da

empresa, apresenta-se sob a forma de comentário, resenha, coluna, crônica, caricatura e eventualmente artigo. A opinião do colaborador, geralmente personalidades representativas da sociedade civil que buscam os espaços jornalísticos para participar da vida política e cultural, expressa-se sob forma de artigos. A opinião do leitor encontra expressão permanente através da carta. (MELO,2003,p.102).

Mesmo havendo uma divisão clara entre os gêneros opinativos e informativos, a opinião ainda tende a interferir no jornalismo informativo. A linha editorial dos jornais, a seleção das notícias, muitas vezes reflete na opinião da empresa. “As pessoas que ascendem aos postos-chaves nas empresas jornalísticas passam também por um processo de seleção, tornando-se pessoas de confiança. São geralmente profissionais que se afinam com a opinião da empresa” (MELO,2003,p.77).

Os próprios jornalistas muitas vezes burlam essa linha, e exprimem suas opiniões em seu texto tido como informativo. No próximo capítulo iremos estudar mais a fundo a questão da notícia, buscando investigar até que ponto a opinião do proprietário do jornal influencia na escolha das matérias que lemos nos nossos jornais diários.

## 2.2 Os Critérios de noticiabilidade

Os critérios de noticiabilidade ou valores-notícia são essenciais para a transformação de uma informação em notícia. É através deles que os repórteres julgam se o fato é noticiável ou não.

Os critérios de noticiabilidade geralmente incluem, sob a forma de uma lista, fatores como a oportunidade, a proximidade, a importância, o impacto ou a consequência, o interesse, o conflito ou a controvérsia, a negatividade, a frequência, a dramatização, a crise, o desvio, o sensacionalismo, a proeminência das pessoas envolvidas, a novidade, a excentricidade e a singularidade (no sentido de pouco usual). (SOUSA, 1999, p. 55)

No entanto, seu conceito não é imutável, pois com o passar dos anos veem sofrendo pequenas mudanças. Para exemplificar essas transformações, Nelson Traquina (2005) analisa pontos históricos bem distintos, como a morte de Willian Shakespeare em 1616 e as notícias vinculadas nos principais telejornais norte-americanos na década de 70. Na morte do dramaturgo, são analisadas as “Folhas Volantes”, que eram periódicos publicados em diversas partes do mundo que em geral noticiavam assassinatos, além de notícias de celebridades e discursos do rei. Sobre o jornal Traquina afirma: “Não houve qualquer notícia sobre a morte de Shakespeare; a única referência a Shakespeare na imprensa da sua época foi uma referência numa balada<sup>1</sup> que comenta a morte da Rainha Isabel em 1603”. (TRAQUINA, 2005, p.64)

Ao invés de retratar a morte de um das mais importantes figuras da época, as “folhas volantes” se preocupavam em noticiar acontecimentos bizarros.

O nascimento de um porco com duas cabeças era “notícia”, mas visto como sinal da raiva de Deus contra os pecados do seu povo na Inglaterra. Frequentemente, a conduta dos heróis, uma batalha naval, eram assuntos para serem tratados. Nesse dia, muito do que era “notícia” era internacional: guerras e trocas comerciais eram dois dos assuntos principais. Quase completamente esquecidos eram os acontecimentos de interesse local. O espaço era salvaguardado para os assuntos a que as pessoas não tinham acesso. Outra curiosidade da época é que muitas vezes, as “folhas volantes” eram transformadas em baladas; por exemplo, a carta de Colombo sobre a sua viagem foi impressa e transformada em 68 versos e a vitória

---

<sup>1</sup> Termo pouco usado no jornalismo atual. Indica texto, redação.

inglesa sobre a Armada Espanhola inspirou a criação de 23 baladas. (TRAQUINA, 2005, p. 65)

Vale ressaltar que a prática do columnismo social já matinha traços nesse período histórico. Segundo Nelson Traquina (2005) um dos valores-notícias mais importantes das “folha volantes” era a notoriedade do ator principal do acontecimento. O *high society* já era muito retratado na época, principalmente as figuras pertencentes à família real. “Os atos e as palavras das pessoas importantes, as crônicas e as proezas de personalidades da elite, como, por exemplo, o Rei e /ou a Rainha, eram notícia” (TRAQUINA,2005,p.65).

Outros temas como homicídios, milagres, julgamentos de feiticeiras eram muito comuns no periódico.

Nelson Traquina (2005) retrata outro período histórico importante para o jornalismo: a década de 30 do século XIX. Nessa época há uma transformação no jornalismo norte-americano. O New York Sun, jornal dos Estado Unidos, era conhecido por produzir matérias sensacionalistas, com escândalos, histórias de crimes. Sua aceitação foi enorme, em menos de quatro anos após seu lançamento o jornal passou a vender 15 vezes mais.

O New York Sun dava ênfase às notícias locais, às histórias de interesse humano, e apresenta a reportagens sensacionalistas de fatos surpreendentes. Day contratou um repórter para escrever artigos em estilo humorístico sobre os casos que surgiam diariamente na delegacia local de polícia, conseguiu assim redefinir a notícia de maneira a satisfazer os gostos, os interesses e a capacidade de compreensão das camadas menos instruídas da sociedade. (TRAQUINA, 2005,p.67)

Nelson Traquina (2005) fecha sua contextualização histórica analisando os anos 70 do século XX. O autor usa como argumento o pensamento do estudioso Herbert Gans (1979), que avalia três telejornais americanos e revistas de informação em períodos diferentes da década.

Em primeiro lugar o estudo demonstra a importância do valor-notícia “notoriedade” do ator principal do acontecimento, isto é proeminência do ator. Segundo o estudo de Gans, entre 70% e 85% das notícias sobre assuntos nacionais são acerca de pessoas conhecidas: a) o Presidente dos Estados Unidos é sempre notícia; b )outras figuras



nacionais como os ministros e a família Kennedy, bem como os governadores e os Presidentes de câmaras locais, também são notícias; e c) pessoas conhecidas envolvidas em escândalos são notícia. As pessoas não conhecidas só são notícias quando: a) são manifestantes, grevistas ou amotinadas – indivíduos que fazem barulho ou provocam tumultos; b) são vítimas de desastres, naturais ou sociais; em particular na televisão, quando há imagens fortes; c) são transgressores das leis e da moral e d) são praticantes de atividades invulgares. (TRAQUINA, 2005,p.68)

Analisando os períodos históricos exemplificados por Traquina, podemos notar mais semelhanças do que divergências. O sensacionalismo muito marcante na década de 30 do século XIX também estava presente nas “folhas volantes”. Na forma com qual o periódico retratava os fatos inusitados da época. Dando um enfoque popular a desgraças e tragédias. Fica evidente nesse período o exemplo clássico do que é notícia para muitos, o fato do cão morde o homem não é notícia, mas o fato do homem morde o cão já é notícia. Os fatos inusitados e extravagantes marcaram esses dois períodos analisados por Traquina.

Outra característica bem presente nos critérios adotados pela mídia nos três períodos é a notoriedade dos personagens. Desde as “folhas volantes” no século XVI, até os telejornais norte-americanos da década de 70, para ser tornar notícia é quase que indispensável que o personagem seja alguém conhecido pela grande massa. O personagem que nasce pertencendo a uma classe social elevada, sempre será notícia, independente da relevância dos seus atos.

Se alguma celebridade ou personalidade da alta sociedade pratica qualquer ato comum para a maioria dos indivíduos, muitos jornais já veem isso como notícia. O simples fato corriqueiro do Presidente da República, por exemplo, querer ir ao supermercado, já merece ser noticiado. Mas isso não acontece pelo fato em si, ocorre devido ao interesse do público pela pessoa que o pratica. Já para uma pessoa tida “comum” estampar a capa de um grande jornal não é uma tarefa das mais fáceis. Em geral essas pessoas só se tornam notícia quando praticam ou estão envolvidas em fatos que fogem dos acontecimentos comuns. Tragédias, manifestações, desastres são necessários para que esse indivíduo se torne um Olimpiano por um dia, estampando a capa de um jornal. Mas, e na sociedade atual, o que é necessário para se tornar notícia? Abaixo as opiniões de alguns pensadores sobre o assunto.

### 2.2.1 Os critérios de noticiabilidade atuais

Os valores-notícias são sem sombra de dúvida uma das maiores inquietações dos estudiosos do jornalismo atual. Felipe Pena (2005) afirma que revelar o modo como as notícias são produzidas é mais do que a chave para compreender o seu significado, é contribuir para o aperfeiçoamento democrático da sociedade. Para isso, Pena utiliza a teoria do newsmaking. “Considero o trabalho jornalístico como a construção social da realidade. No jornalismo de televisão, por exemplo, esse trabalho de “descortinamento” deve ser mais intensificado [...] O furo de reportagem não espera o dia seguinte, deve ser veiculado na hora[..]” (PENA, 2005, p.71)

Seguindo o raciocínio do autor, fica evidente a pressão que o repórter vive. O jornalista enfrenta um dilema diário na concorrência comercial, muitas vezes isso se reflete no produto final, ou seja, na qualidade da notícia. Trabalhando com um prazo curto, o jornalista tem que decidir muito rapidamente o que merece ser notícia, o que realmente é noticiável. “O fato é que os jornalistas se valem de uma cultura própria para decidir o que é ou não é notícia. Ou seja, têm critérios próprios, que consideram óbvios, quase instintivos” (PENA, 2005, p.71). No entanto, o próprio Pena aponta os pensamentos contrários do pesquisador Mauro Wolf que descontextualiza sua afirmação, revelando que atualmente os critérios de noticiabilidade não são tão óbvios, muito menos instintivos. Mauro Wolf atribui a noticiabilidade à capacidade de os acontecimentos virarem notícia ou não. “Quanto maior o grau de noticiabilidade, maior essa capacidade” ( PENA, 2005, p.72)

Abaixo os critérios adotados por Wolf:

#### Valores-notícia

- Categorias substantivas
- Importância dos envolvidos
- Quantidade de pessoas envolvidas
- Interesse nacional
- Interesse humano
- Feitos excepcionais

#### Categoria relativas ao produto

- Brevidade – nos limites do jornal
- Atualidade
- Organização
- Qualidade- ritmo, ação dramática
- Equilíbrio – diversificar assuntos

Categorias relativas ao meio de informação

- Acessibilidade à fonte/local
- Formatação prévia/ manuais
- Política editorial

Categorias relativas ao público

- Plena identificação de personagens
- Serviço /interesse público
- Protetividade – evitar suicídios

Categorias relativas à concorrência

- Exclusividade ou furo
- Gerar Expectativas
- Modelos referenciais

( PENA, 2005, p.72)

Felipe Pena (2005) analisa a classificação da seguinte forma, para o autor as categorias substantivas são as mais óbvias, pois classificam de acordo com a grau de importância dos envolvidos e o grau de interesse público. Conforme já discutimos anteriormente, o mesmo fato acontecendo com o Presidente da República e um vereador, nunca terá o mesmo tom. A notícia do Presidente sempre terá mais destaque.

Sobre as categorias relativas ao produto, Pena frisa a referência aos conceitos jornalísticos, em especial o da objetividade. As categorias relativas ao meio de informação referem-se aos veículos. Sobre a necessidade que cada meio necessita para ser desenvolvido, nos jornais impressos, por exemplo, uma boa fotografia influencia na noticiabilidade. Já sobre as categorias relativas ao público, Pena exemplifica mostrando o critério de evitar noticiar suicídios, pois dessa forma a imprensa estaria prestando serviço à sociedade. O autor finaliza a análise com as categorias relativas à concorrência, deixando clara a obrigatoriedade do jornalista em descobrir fatos inéditos, exclusivos.

Já Nelson Traquina (2005) usa definição muito interessante para trabalhar a questão da noticiabilidade. “Os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma *seleção* e uma *construção* daquilo que é selecionado [...]” (apud BOURDIEU, 1997). O autor trabalha a problemática dos valores-notícia sobre uma clara distinção entre os valores-notícia de construção e os valores-notícia de seleção. Para isso usa distinções apontadas por Mauro Wolf.

[...] os valores-notícia de seleção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, isto é, na decisão de escolher um acontecimento como candidato à sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento. Os valores-notícia de seleção estão divididos em dois sub-grupos: a) os critérios substantivos que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e b) os critérios contextuais que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção são qualidades da sua construção como notícia e funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na construção do acontecimento como notícia. (TRAQUINA, 2005,p.78)

Seguindo a divisão sugerida Wolf, Traquina aponta os dez critérios substantivos, dos valores notícia de seleção. O primeiro é a morte, quanto maior for à carnificina maior será o destaque ao fato. “A morte é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos ecrans da televisão” (TRAQUINA,2005,p.68).

O segundo é a notoriedade, conforme já foi apontado por Felipe Pena, pertencer há uma família nobre ou ser uma celebridade, já fazem ser notícia independente do ato que prática. É cada vez mais comum páginas de jornais dedicadas a notícias com personalidades praticando ato corriqueiros. “Como no tempo das “folhas volantes”, a celebridade ou a importância hierárquica dos indivíduos envolvidos no acontecimento tem valor como notícia[...]”(TRAQUINA,2005,p.79). Fazendo um paralelo entre os dois valores, podemos exemplificar da seguinte forma, todos serão notícia pelo menos uma vez durante sua vida, seguindo o critério morte. No entanto, sua notoriedade determinará em que página será vinculada a matéria. Uma figura política importante na região, por exemplo, dificilmente terá seu obituário em uma coluna no rodapé de uma página do jornal de sua cidade. Possivelmente o indivíduo será capa no periódico. Além dos critérios de morte e notoriedade devemos levar em conta o terceiro valor: o da proximidade. Se essa figura não é conhecida nacionalmente, ela será vinculada sim nos jornais da cidade com muito destaque, mas nos meios de repercussão nacional aparecerá de forma discreta, se for lembrado.

Outro valor-notícia fundamental da cultura jornalística é a proximidade, sobretudo em termos geográficos, mas também em termos culturais. Um acidente de aviação com duas vítimas mortais em Cascais poderá ser notícia em jornal de Lisboa, é possivelmente, mas com maior dificuldade, num jornal do Porto, mas dificilmente em um jornal estrangeiro. No caso dos desastres, a chamada lei McLurg estabelece uma relação entre o número de mortos e a distância geográfica é distorcida pelos mecanismos de recolha de informações.(TRAQUINA,2005,p.80)

O próximo valor apontado por Traquina é da relevância. Voltado ao exemplo da morte do político local, a quem esse tipo de notícia interessa? Qual é sua relevância? Qual será o impacto desse fato na vida das pessoas? Perguntas como essa são levadas em consideração na construção de notícia com esse conceito. “Esse valor-notícia determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a noção”. (TRAQUINA, 2005,p.80). Outro conceito de suma importância dentro da análise de Traquina é a novidade. Assim como Pena, o autor também faz referência ao furo<sup>2</sup>, a importância fatos inéditos. “Nos trabalhos jornalísticos de investigação uma das maiores dificuldades para o jornalista é a justificativa para voltar ao assunto sem novos elementos: geralmente tem que haver algo de novo para voltar a falar do assunto [...]” (TRAQUINA, 2005, p.81).

Vale ressaltar que também há um enorme interesse das grandes empresas jornalísticas referentes a esse critério, a briga pelo furo é de interesse não só leitor. Mas também o dos empresários e editores que brigam entre si para saber quem noticiou determinado acontecimento primeiro.

O tempo também é um fator que Traquina analisa, levando em conta diferentes ângulos. O primeiro estudado é o tempo no sentido de gancho para uma matéria. “[...] há uma notícia sobre a morte do Presidente egípcio Anwar Sadat porque neste dia, há 20 anos, foi assassinado. O próprio fator tempo é utilizado como gancho para justificar falar de novo sobre o mesmo assunto” (TRAQUINA, 2005,p.81)

O fator tempo é um a valor-notícia numa terceira forma, em entendimento do fator tempo numa forma mais estendida ao longo do tempo. Devido ao seu impacto na comunidade jornalística, um

---

<sup>2</sup> Termo jornalístico que expressa uma notícia nova, nunca noticiada.

assunto ganha noticiabilidade e permanece como assunto com valor-notícia durante um tempo mais dilatado (TRAQUINA, 2005,p.82).

Matérias que utilizam esse critério não faltam em nossas mídias atuais, alguns exemplos são os casos do menino João Hélio, o escândalo do mensalão e a crise financeira mundial. Analisando todos esses episódios veremos que há em comum entre eles o fato de terem ganho um enorme tempo na mídia. Outro valor – notícia muito usado no jornalismo atual é a notabilidade, ou seja, a questão de determinado fato ser visível, tangível. Traquina usa como exemplo greves e manifestações. Uma determinada passeata que junta uma aglomeração grande, provavelmente será noticiada por ser muito visível e tangível.

O fator inesperado também deve ser levado em consideração. Segundo Nelson Traquina (2005) o inesperado é aquilo que rompe e que surpreende a expectativa da comunidade jornalística. O autor usa como exemplo os atentados terroristas ao World Trade Center, é um fato que ninguém esperava, isso contribuiu para que o fato tomasse tamanha repercussão.

Outro valor-notícia fundamental é o conflito ou a controvérsia, isto é, a violência física ou simbólica, como uma disputa verbal entre líderes políticos. A presença da violência física fornece mais noticiabilidade e ilustra de novo como os critérios de noticiabilidade muitas vezes exemplificam a importância da quebra do normal. Na política, certamente, a violência representa uma quebra do normal: por exemplo, é notícia a cena de deputados em luta física em vez de uma luta verbal. (TRAQUINA, 2005,p.82).

O autor explica o argumento do conflito ou controvérsia afirmando que a violência na política é julgada como “invulgar”, um desvio de conduta.

Esse valor notícia está altamente ligado ao próximo critério que Traquina analisa: o da infração. Como o nome revela, esse valor-notícia está associado à quebra de regras, a condutas inadequadas. Traquina relaciona esse critério com os outros já exemplificados. “[...] um crime mais violento, com um maior número de vítimas, equivale a maior noticiabilidade para esse crime. Qualquer crime pode ficar com mais valor-notícia se a violência lhe estiver associada”. (TRAQUINA, 2005, p.85).

O último critério substantivo dos valores notícia de seleção, abordado por Traquina, é o do escândalo. “Esse tipo de acontecimento corresponde à situação

mítica do jornalista como “cão de guarda” das instituições democráticas (TRAQUINA, 2005, p.85).

Sobre os critérios contextuais, dos valores-notícia de seleção, Traquina aponta cinco valores: a disponibilidade, o equilíbrio, a visualidade, a concorrência e o dia noticioso.

Como o próprio nome já diz a disponibilidade se trata da facilidade da cobertura do acontecimento. Normalmente o jornalista tem vários eventos que merecem cobertura, em sua escolha pode pesar o quesito da disponibilidade, ou seja, se determinado fato for mais acessível do que outro, provavelmente o repórter o escolherá para cobri-lo. Já o equilíbrio está relacionado ao fato de determinado assunto já ter sido noticiado outras vezes. O jornalista deve raciocinar e balancear se o fato a ser noticiado já foi manchete ou foi dado a pouco tempo.

Sobre a visibilidade, Traquina relaciona aos fatores visuais como fotografias e filmes. Uma determinada matéria pode ganhar destaque se tiver boas imagens, principalmente quando falamos em telejornalismo. O quarto elemento abordado pelo autor é o da concorrência, toda empresa jornalística está sempre preocupada com os seus concorrentes, nenhuma mídia gosta de ver seu adversário noticiando um fato de destaque primeiro. Partindo desse raciocínio todo jornalista deve sempre buscar o tão sonhado furo, ou seja, dar a notícia em primeira mão.

O autor finaliza suas discussões sobre os critérios contextuais analisando o valor dia noticioso. Esse critério busca mostrar que há dias imprevisíveis na redação de uma grande veículo, ocasiões que nada acontecem, por isso fatos de pequena relevância viram grandes manchetes. Ou dias em que há tantos acontecimentos com grandes valores-notícia que determinado fato mesmo sendo importante não ganha o destaque planejado.

Sobre os valores-notícia de construção Traquina afirma: “Por valores-notícia de construção entendem-se os critérios de seleção dos elementos dentro do acontecimento dignos de serem incluídos na elaboração da notícia” (TRAQUINA, 2005, p.91). Seguindo essa afirmação Traquina aponta mais seis critérios: a simplificação, a ampliação, a relevância, a personalização, a dramatização e a consonância.

Sobre o conceito simplificação Traquina afirma: “A lógica é a seguinte: quanto mais o acontecimento é desprovido de ambiguidade e de complexidade, mais

possibilidades têm a notícia de ser notada e compreendida” (TRAQUINA, 2005, p.91). Isso ocorrer pela função do jornalista, que é de escrever de forma clara e simples os acontecimentos. Com isso fica mais fácil retratar fatos de menor complexidade, pois a torna a notícia menos ambígua.

Outro valor-notícia conceituado pelo autor é o da ampliação, o raciocínio é simples, quanto mais amplo o assunto maior o leque de notícias que se abre. Traquina usa como exemplo, a morte do piloto brasileiro Ayrton Senna, onde expressões desse valor-notícia eram muito comuns: “Brasil chora a morte de Senna”. Outro valor-notícia de construção é a relevância, segundo o princípio deve partir do próprio jornalista o dever de revelar a relevância do fato. Sobre o valor notícia de personalização, Traquina afirma que é um valor fundamental devido à natureza do discurso jornalístico, a importância da personalização é uma estratégia para agarrar o leitor porque as pessoas se interessam por outras pessoas. A notícia então passa a ser mais focada e restrita a um bom personagem.

Traquina aponta ainda o valor-notícia da dramatização, que é o reforço de retratar aspectos críticos, a exposição de um lado emocional, dos conflitos. O autor finaliza a discussão com último valor-notícia : a consonância.

A lógica é a seguinte: quanto mais a notícia insere o acontecimento numa “narrativa” já estabelecida, mais possibilidades e notícia têm de ser notada. Isso quer dizer que a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido, pois corresponde às expectativas do receptor, Implica a inserção da novidade num contexto já conhecido, com a mobilização de “estórias” que os leitores já conhecem. (TRAQUINA, 2005,p.93).

Os critérios de noticiabilidade trabalhados durante todo esse capítulo serão analisados nas Colunas Sociais. Na análise será demonstrado quais desses critérios são empregados nesse gênero jornalístico.



## 2.3 As Colunas Sociais

No jornalismo atual há vários estilos de colunas que tratam dos assuntos mais diversos. No geral os textos desse estilo jornalístico são curtos, e podem ou não aparecerem acompanhado de fotos. Vale ressaltar que nem toda seção fixa pode ser caracterizada como coluna.

A caracterização do colunismo na imprensa brasileira dá margem a ambigüidades. Há uma tendência geral para chamar de coluna toda seção fixa. Assim sendo, a coluna abrange, segundo essa noção, o comentário, a crônica e até mesmo resenha. Historicamente, a coluna originou-se dentro da antiga diagramação vertical, em que as matérias eram dispostas de cima para baixo, passando, se necessário, à coluna vizinha. Hoje, com a diagramação horizontal, a coluna já não mais ocupa o espaço disposto verticalmente e se alarga pelo espaço fronteiro. Por isso é comum o uso da palavra seção para denominar a coluna. (MELO, 2003, p.139)

José Marques de Melo (2003) define o colunismo como um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e de opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. O autor afirma que as colunas suprem atualmente a função que foi do jornalismo impresso antes do surgimento do rádio e da televisão: o furo.

No cotidiano da grande mídia é muito comum que esse gênero jornalístico paute as outras mídias. Realizados normalmente por jornalistas experientes, que costumam ter boas fontes, os textos das colunas costumam retratar diversos assuntos que ainda são desconhecidos em muitos meios de comunicação.

A coluna corresponde à emergência de um tipo de jornalismo pessoal, intimamente vinculado à personalidade do seu redator. Talvez possa ser identificado como uma sobrevivência, no jornalismo industrial, daquele padrão de jornalismo amador e eclético que caracterizou as primeiras publicações periódicas. (MELO, 2003, p.140)

José Marques de Melo (2003) segue o jornalismo norte-americano de Franzer Bond e divide as colunas em sete estilos: coluna padrão, coluna miscelânea, coluna de mexericos, coluna sobre os bastidores da política, coluna editorial assinada,

coluna de versos e coluna nos leitores, sendo as duas últimas pouco praticadas no Brasil.

Sobre coluna padrão o autor afirma: “É dedicada aos assuntos editoriais de menor importância, reservando a cada um pouco mais de um parágrafo, o que implica um tratamento superficial, apenas sugerindo tendências ou propondo padrões de julgamento” (MELO, 2003, p.141).

Já as colunas miscelâneas são uma combinação de vários gêneros literários, como prosa e verso, seguindo assim uma linha bem diferente do jornalismo comum. Humor e sarcasmos estão sempre presentes nesse estilo de texto.

José Marques de Melo (2003) afirma que a coluna sobre os bastidores da política é uma variante das colunas sociais, as quais o autor chama de coluna de mexericos. Segundo o autor, ambas situam o leitor no mundo do poder, mostrando a sua intimidade.

Já sobre nosso objeto de estudo, José Marques de Melo conceitua:

Coluna de mexericos é centralizada em pessoas, principalmente as figuras de alta sociedade, as personalidades famosas, ou mesmo, no caso dos pequenos jornais, às pessoas de destaque na comunidade. Divulga confidências, indiscrições, faz elogios, impõe sanções comportamentais. Inicialmente voltado para o high society, esse tipo de coluna subdivide-se depois por ramos de atividades : teatro, música, esporte, economia. (MELO, 2003, p.141)

Assim como José Marques de Melo, diversos outros autores usam outros nomes para designar esse gênero jornalístico. Mesmo com essas diferenças, grande parte deles tem conceitos muito semelhantes a esse estilo. As ideias de Luiz Beltrão, por exemplo, são semelhantes às de José Marques de Melo. Um das grandes diferenças entre as colocações é a subdivisão sugerida por Beltrão. Que diferentemente de Melo sugere apenas dois grupos.

Nos últimos anos, os jornais passaram no Brasil a supervalorizar o noticiário social, desenvolvendo-o com informações e comentários, a cargo de um corpo de cronistas especializados. Tal interesse mostrou despertar na comunidade o relato das ocorrências sociais que a maioria dos órgãos da imprensa desdobrou a seção em duas partes distintas: uma que se ocupa de “high-life” (alta sociedade) ou do “café society”, expressão híbrida adotada entre nós para designar o mundo da “gente muito importante” (VIP): a outra que transmite

informações do mesmo gênero de que são personagens pessoas alheias ou pouco afeitas a uma vida social intensa, mas que, nem por isso, têm menos importância para o jornal, com membros úteis da comunidade e leitores assíduos. (BELTRÃO, 1969, p.144)

Ao analisarmos os conceitos levantados pelos dois autores devemos levar em consideração a época de suas publicações. Os dois autores relatam seus conceitos em décadas bem diferentes. A conceituação de Luiz Beltrão mostra a época de ouro do colunismo social brasileiro, mesmo estando em pleno regime militar, há poucos anos havia sido inaugurada a nova capital. Festas e confraternizações na nova cidade eram muito comuns. Abaixo um trecho de um estudo que revela um pouco do período de retratado por Beltrão.

Seu auge no Brasil foi durante a década de 1950, época do governo de Juscelino Kubitschek. Naquele período, surgem as primeiras tentativas relevantes de modernização do jornalismo brasileiro. Dos Estados Unidos, os jornais adaptam as técnicas do lead e da pirâmide invertida. [...]. O colunismo durante estes anos representou um verdadeiro movimento contrário frente às novas técnicas de padronização e impessoalização do texto noticioso, calcadas na objetividade, que buscava a construção do anonimato do redator. Nas colunas, o espaço enunciativo produzia efeito inverso, favorecendo a subjetividade e fortalecendo o nome dos titulares. (FERREIRA, 2006, p. 45)

Já a reflexão de José Marques de Melo aponta a atualidade, a fase atual do jornalismo brasileiro. Em tempos que a violência toma conta das grandes cidades, a chama do colunismo social ainda se mantém acesa. Ainda existe muito glamour por trás desse gênero, que mesmo com atual condição da sociedade, continua exercendo domínio nas pessoas.

Os tempos mudaram, o país passou por um longo período de repressão e a ostentação passou a ser considerada de mau gosto. O aumento da desigualdade social entre ricos e pobres em com que muitos dos componentes da burguesia passassem a temer serem alvos de seqüestro, fazendo-os evitar abrir as portas à imprensa. (FERREIRA, 2006, p. 46)

Uma característica existente em praticamente toda coluna é a assinatura de um jornalista. Desde do princípio do colunismo, praticamente todos os jornais

adotam essa medida. Para o jornal, isso é um fator primordial, pois através da identificação do responsável, o veículo se exime parcialmente de responsabilidade sobre o que foi relatado no espaço. Seria uma espécie de refúgio para possíveis problemas futuros. Fazendo isso o jornal deixa claro que o conteúdo exposto pode não ir ao encontro com a linha editorial do veículo. Sendo de responsabilidade do colunista qualquer mal entendido que possa vir a acontecer. A imagem do jornalista ao lado da coluna reforça ainda mais esse conceito.

Como exemplo atual, podemos usar o jornal cearense, O Povo, que assim como a maioria dos jornais, busca deixar a cargo do colunista qualquer problema com informação veiculada no espaço. Após algumas reclamações de leitores, o periódico publicou em seu site em 22 de julho de 2002, um texto confirmando esse argumento, e relatando um pouco de como funciona o colunismo social brasileiro. Abaixo alguns trechos do texto, escrito por Regina Ribeiro.

[..] O conteúdo da crítica não alterou um til nesses últimos anos. Mas vamos lembrá-las: o colunista entra de férias, viaja, e a Coluna continua sendo editada como se ele estivesse escrevendo diariamente. Tudo bem, desde que isso fosse devidamente informado ao leitor. O pior, segundo os leitores que reclamam - que também parecem ser os mesmos - está no conteúdo. A Coluna Social, nessas ocasiões, passa a ser Coluna pessoal, quando o colunista se transforma em personagem autobiográfico de fatos sociais de tempos idos. Quando não, oferece dicas de etiquetas e conceitos sociais de comportamento num formato que tem um cheiro de desuso inconfundível. No dia-a-dia no entanto, as críticas - idênticas - são outras. O colunista, com uma frequência religiosa, mistura o espaço do jornal, destinado a informação social, em espaço privado para divulgar seus empreendimentos pessoais, como o restaurante de sua propriedade e uma tal bíblia da sociedade cearense, "alva e com letras douradas", segundo o próprio colunista. A crítica dos leitores não é nova, como não é novo o procedimento do colunista. A crítica interna também não é novidade e a externa vem se repetindo em ciclo, ou círculo, como queira o leitor. E, pela prática de **O POVO**, parece que a empresa se dá por satisfeita que a crítica seja feita. No entanto, devo dizer que esse tipo de colunismo engendrado pelo jornalista Lúcio Brasileiro não acompanha os processos vividos pelo **O POVO**. O jornal - de 74 anos - tem tido um cuidado constante com a sua modernização gráfica e editorial, inovado e proposto novas formas de comunicação com a sociedade. [...] (RIBEIRO, 2002, disponível em <http://opovo.uol.com.br/opovo/ombudsman/reginaribeiro/150511.html>)

A jornalista segue conceituando o colunismo social, e discute sobre o lado ético do profissional. Deixando clara a posição do jornal sobre esses assuntos.

"As colunas de **O POVO** se caracterizam por conter informações de bastidores, notícias curtas ou análises e opiniões dos colunistas. As opiniões são de responsabilidade dos colunistas, porém o jornal exerce vigilância sobre o conteúdo de suas colunas. Cabe ao colunista não utilizar o espaço das colunas para promoção e interesses particulares. Também dever ficar atento à utilização excessiva de alguns personagens. Nos dois casos, cabe à direção da Redação alertar o colunista e adotar punição para casos reincidentes". Não havendo distinção entre colunas sociais e as demais, a norma sugere uma prática unânime.

Ou seja, não vou sequer tratar da questão ética que o colunista deveria ter em não divulgar informações do seu interesse particular. O que existe é uma norma da empresa, que norteia todos os colunistas. Se o jornal deve exercer vigilância sobre o conteúdo das colunas e se o jornal sabe das regras firmadas pela prática, e depois de discussão interna, tornadas pública por meio do seu manual de Redação, pode-se afirmar que, no mínimo, existe negligência de avaliação dessa coluna.

Muitos leitores já criticaram o que chamam inclusive, de excesso, de colunas sociais no O POVO. Tem duas colunas diárias e um caderno inteiro aos domingos. A crítica é pertinente, mas acredito que o conteúdo dessas colunas são o mais importante. As colunas sociais são um retrato de um tempo, com seus personagens, e quando bem feitas podem se tornar fontes interessantes de pesquisa no futuro, e no presente, podem demonstrar tendências e comportamentos.

Além do conteúdo, devo frisar que nada melhor que informação escrita em ordem direta, sem uso de estrangeirismos desnecessários, usos - e abusos - de códigos só decifráveis para iniciados e além de tudo, correção nas informações publicadas. (RIBEIRO, 2002, disponível em <http://opovo.uol.com.br/opovo/ombudsman/reginaribeiro/150511.html>)

Ao lermos com atenção os argumentos da autora, podemos notar que o texto se trata de uma forma de contornar algum problema retratado pelos leitores. Não há nenhuma menção sobre o que realmente aconteceu, mas pela forma que é conduzida a matéria podemos concluir que foi questionada a ética do colunista. Escrever colunas sociais, sem sombra de dúvidas, não é uma tarefa das mais fáceis, pois a ética do colunista sempre é questionada. No caso do jornal O Povo, o texto revela que o colunista deve seguir, assim como esses colegas jornalista, a linha editoria do jornal, evitando se promover ou realizar qualquer ato ilícito. No entanto, o

texto faz uma afirmação curiosa quando deixa claro que fica a cargo do próprio colunista essa escolha, e avisando que se caso o jornal descubra algum problema, o mesmo será punido.

Qualquer jornalista tem sua ética profissional colocada à prova diariamente, mas no caso do colunista, em especial o colunista social, essa via-crúcis é diária. Seu texto é sempre apontado como tendencioso e seus critérios de noticiabilidade são sempre questionados. No entanto, essa questão será analisada detalhadamente no próximo capítulo.

Há outros pontos que chamam atenção no texto, um deles é definição usada pela autora sobre o colunismo social realizado no jornal. Regina afirma que o gênero é responsável por noticiar os fatos de uma forma pessoal, transformando o colunista em uma personagem bibliográfico. A autora também afirma que o gênero veem tendo uma queda de aceitação do público leitor, sendo comuns as críticas sobre o excesso de atenção ao colunismo social, que é veiculado no jornal diariamente em duas colunas e aos domingos em caderno inteiro.

Além de ter sua ética testada diariamente o colunista social ou repórter social devem ter um perfil especial para exercer essa função: simpatia e amigos influentes.

O repórter encarregado da cobertura deste setor é possuidor de um vasto círculo de amizades, conseguido mediante dotes pessoais de simpatia, elegância de atitudes, sensibilidade e refinamento, ajudado, naturalmente, pela sua inteligência. Como deve estar em contato permanente com personalidades de destaque da comunidade – industriais, homens de letras, artistas, filantropos, senhoras e jovens líderes de ambos os sexos – deve ainda possuir conhecimento prático das normas de etiqueta e protocolo e estar ao par de tudo quanto diga respeito à moda masculina ou feminina e às peculiaridades do campo em que desenvolve suas atividades. (BELTRÃO, 1969, p.366)

Para entendemos ainda mais esse gênero que permanece nos jornais há vários anos, vamos traçar uma contextualização histórica desse estilo jornalístico. Afinal quando nasceram as colunas sociais? Por quem elas ainda se mantêm vivas no jornalismo atual? Conheceremos ainda a história de um dos mais importantes colunistas brasileiros: Ibrahim Sued.

### 2.3.1 O surgimento do Colunismo Social

Não há registros que especificam com exatidão o surgimento das colunas sociais. Se observarmos a história da imprensa podemos averiguar que desde seu início as colunas sociais estão de certa forma presentes. Não classificadas como colunas, os textos que noticiavam os acontecimentos da corte, como casamentos, aniversários e batizados, podem ser considerados os primeiros indícios de colunismo social. “Além de informações políticas inteiramente favoráveis ao governo real e do texto das ordenanças oficiais, inseria notícias de nascimentos, matrimônios, festas, divertimentos dos principais personagens da corte [...]” (FERREIRA apud BELTRÃO, p.18). Traquina também faz menção as “folhas volantes”, onde segundo o autor eram noticiados os principais eventos da corte portuguesa.

José Marques de Melo (2003) defende a contextualização de Franser Bond que define o surgimento da coluna na imprensa norte-americana, em meados do século XIX.

O público começou a desejar matérias que escapassem do anonimato redatorial e tivessem personalidade. Isso deu lugar ao aparecimento de seções sob a responsabilidade de jornalistas conhecidos, superando a frieza e a impessoalidade do corpo do jornal, e originando espaços dotados de valor informativo e de vigor pessoal. (MELO, 2003, p. 140)

Já no Brasil, o surgimento desse gênero jornalístico acontece no fim do século XIX. Mas só ganha maior destaques no século seguinte, revelando importantes colunistas como Ibrahim Sued.

O colunismo floresce no Brasil na década de 50. É verdade que, antes disso, os jornais sempre tiveram suas seções dedicadas à vida social – ao ambiente da alta sociedade – mas sem o dinamismo e a importância que assumiria depois. A figura dinamizadora do colunismo social brasileiro foi sem dúvida Ibrahim Sued, que atualizou a cobertura da vida mundana, dando-lhe uma certa sofisticação. (BELTRÃO, 1969, p.146)

A seguir conheceremos um pouco sobre o pai do colunismo, Ibrahim Sued, que foi, sem dúvida o precursor desse gênero no jornalismo brasileiro.

### **2.3.2 A coluna de Ibrahim Sued**

É impossível contar a história do colunismo brasileiro sem falar de Ibrahim Sued considerado por muitos como o pai do gênero no Brasil.

O jornalista Ibrahim Sued foi durante muitos anos sinônimo de colunista social no Rio de Janeiro. Escrevendo uma coluna diária – Zum-Zum – que começa a circular em 1951 no jornal Vanguarda, o jornalista cria um estilo próprio de noticiar o mundo e a elite carioca através de suas notas. Filho de imigrante árabe, nascido em Botafogo, Rio de Janeiro, a 23 de junho de 1924, Ibrahim ganhou fama e notoriedade dentro e fora da profissão escrevendo suas colunas com muita personalidade, inventando termos, lançando personagens, criando modismos, elogiando e criticando à vontade. No início da década de 50 eram poucos os chamados “colunistas sociais” e mais raro ainda aqueles que não retratavam apenas as “fofocas” e festas da classe alta. Desde o começo, Ibrahim se destaca por seu estilo pessoal, franco e agressivo. (TRAVANCAS, 2003, p.3)

Segundo José Marques de Melo (2003), Ibrahim Sued foi buscar a fórmula de suas colunas no jornalismo norte-americano, onde se espelhou em dois colunistas: Walter Winchell e Elza Maxwell. “Com Winchell ele diz ter aprendido que “o campo do colunismo não se restringe apenas ao das bonecas e deslumbradas”, envolvendo “os principais setores de atividade de um país”. Com Maxwell ele compreendeu que “o lado ameno da vida não implica necessariamente em futilidade” (MELO, 2003, p. 146).

De fato, as colunas escritas por Ibrahim não seguiam o rótulo padrão, um dos principais diferenciais de seus textos eram os furos. Com a preocupação de não retratar apenas eventos sociais, era comum o colunista ter a preocupação de privilegiar a informação, os fatos políticos. Sem deixar de cobrir, ao mesmo tempo, festas da alta sociedade com charme e criatividade. “Ainda que seu texto não fosse muito cuidadoso, pelo qual foi muito criticado durante toda sua trajetória profissional, suas notas eram objetivas e leves. Não é à toa que as colunas dos jornais e revistas



dos anos 50 para cá cresceram muito em prestígio, tamanho e quantidade” (TRAVANCAS,2003,p.6).

A busca por furos também acontecia devido à concorrência da época, Jacinto de Thormes era um de seus maiores “concorrentes”. Sua busca pelo diferencial foi por muitas vezes julgada. Segundo Iluska Coutinho (2007), Alberto Dines é dos maiores críticos ao gênero e ao profissional Ibrahim Sued.

Alberto Dines define as colunas de Ibrahim Sued e Jacinto de Thormes inicialmente como “um gênero ameno, fútil e inofensivo”. Hoje, segundo ele, essas colunas teriam passado por transformações que estariam degenerando o projeto inicial. O jornalista chega a denunciar a venda/cobrança de notas publicadas em colunas, utilizando a figura do mercado aberto para simbolizar as operações de trocas, nem sempre puramente informativas, que seriam realizadas no interior das colunas. (COUTINHO, 2007, p.23)

Um dos pontos que merece destaque na trajetória dessa figura importante para o jornalismo brasileiro, é o carinho do público com ele. Embora retratasse com maior frequência eventos da alta sociedade, Ibrahim Sued era querido por todo grande público, sua coluna era considerada unanimidade por muitos leitores. Misturando opinião e informação, através de uma linguagem leve e acessível, o colunista fazia menção a fatos poucos vistos nas colunas atuais. Falta de serviços básicos como água e luz, denúncia contra políticos, tudo era relatado em sua coluna. Os fatos eram contados com uma grande dose de opinião, que era uma forte marca do autor. Sua forte empatia com o público pode ser exemplificada na marchinha carnavalesca criada especialmente para ele na década de 60.

“Ô Ibrahim piu piu,  
O Ibrahim piu piu ...  
Põe o meu nome no jornal!  
ser também,  
Metido a gente bem,  
Ou figurando na coluna social.  
Põe meu retrato, bem,  
Junto do seu e diz  
Que estou chegando agora  
De Paris, Paris...”

(COUTINHO, 2007, p.23)

O conteúdo da coluna de Ibrahim foi sofrendo mudanças no decorrer dos anos, a princípio com um discurso mais forte e extremista o colunista ganhou muitos inimigos, mas com o passar dos anos seu conteúdo foi se tornando mais ameno.

Um exemplo do jornalismo pessoal de Ibrahim Sued são as notas agressivas de sua fase inicial, que não poupavam personalidades ilustres nem políticos. O PTB, assim como sua opção de não votar neste partido mereceu nota, a transferência da capital para Brasília – fato do qual discorda com veemência -, e a crítica feroz ao regime implantado em Cuba por Fidel Castro foram destaque em seus textos. (TRAVANCAS, 2003, p. 7 e 8)

Autor de bordões marcantes como "De leve", "Sorry periferia", "Depois eu conto", "Bola Branca", "Bola Preta", "Ademã que eu vou em frente", "Os cães ladram e a caravana passa", "Olho vivo, que cavalo não desce escada", dentre outros, Ibrahim Sued trabalhou em vários veículos, além de ser um dos reponsáveis pela chegada do gênero na TV e no rádio. Dentre os periódicos impressos, Ibrahim finalizou sua trajetória no jornal O GLOBO. O colunista começou a trabalhar no jornal em 93 e faleceu dois anos mais tarde.

### **2.3.3 As colunas sociais atuais**

Mesmo com a passar dos anos podemos notar ainda algumas semelhanças entre as antigas colunas sociais, como as Ibrahim, com as atuais. Embora tenha perdido um pouco de seu brilho, o colunismo social ainda se mantém vivo no jornalismo atual. Em praticamente todo jornal há uma ou mais páginas destinadas ao gênero.

Uma das maiores diferenças entre o “novo colunismo social” em relação ao realizado por Ibrahim, é a opinião. Muito marcante nas colunas antigas, atualmente a opinião veem sendo camuflada pelos colunistas atuais. As colunas estão cada vez mais politizadas e menos polêmicas. Em relação ao conteúdo pouca coisa mudou, ainda continuam sendo retratados os mesmo eventos com pessoas pertencentes às elites brasileiras.

Mas afinal, como um gênero tão antigo pode continuar vivo, mesmo com o advento das novas tecnologias? A grosso modo podemos responder que se mantém

vivo porque vende. É de interesse do público ver as festas mais badaladas, os mais bem vestidos, os casamentos, as separações e os batizados.

José Marques de Melo (2003) define três razões para sua continuidade das colunas sociais.

- 1) O colunismo atende a uma necessidade de satisfação substitutiva existente no público leitor. Já que a maioria das pessoas está excluída do círculo reduzido dos colunáveis (poder/estrelado), dá-se-lhe a sensação de participar desse mundo através dos colunistas. (...)
- 2) O colunismo tem a função de “balão de ensaio”. Insinua fatos, lança ideias, sugere situações, com a finalidade de avaliar as repercussões. Isso se chama, em linguagem jornalística, “plantar notícia”. Da reação do público, estimulada por essas informações sutis, depende muitas vezes a tomada de decisões empresariais, políticas. [...]
- 3) Alimentando a vaidade das pessoas importantes (do mundo de arte, do espetáculo e da política), o colunismo oferece ao mesmo tempo “modelos” de comportamento. Estimula o modismo, incrementa o consumo, alimenta a esperança dos pretendem ingressar no “paraíso burguês”. (MELO, 2003, p. 144)

Ao analisarmos o colunismo moderno poderemos notar que os conceitos apontados por José Marques de Melo são totalmente verdadeiros. A seguir faremos uma análise mais detalhada desses conceitos, buscando revelar quais os principais critérios de noticiabilidade que se empregam nas colunas sociais.

## 2.4 Análise dos critérios de noticiabilidade do Colunismo Social

Seguindo as classificações propostas por Nelson Traquina e Felipe Pena podemos verificar que o colunismo social atual segue critérios de notícia bem distintos, são eles: a notoriedade (Traquina) ou importância dos envolvidos (Pena), a proximidade, a novidade, a simplificação (Traquina) ou acessibilidade a fonte (Pena), brevidade, atualidade, quantidade de pessoas envolvidas e personalização. No caso das colunas mais antigas podemos notar ainda o valor-notícia de infração, conflito e escândalo, que também estão presentes no colunismo atual, mas de forma mais discreta e politizada. Os critérios de noticiabilidade de relevância, morte, inesperado, dramatização e consonância, praticamente não são notados no colunismo social atual. Já o fator tempo, pode ser usado ocasionalmente nas pautas das colunas.

Entre os valores-notícia destacados há dois que são de suma importância no colunismo atual: a notoriedade e a novidade. Em análise quantitativa e qualitativa a coluna Hit do jornal O estado de Minas, Alexandre Alvarenga Ferreira, aponta esses dois fatores em sua pesquisa. Sobre a novidade, o autor explica:

O jornalismo de notas possui como maior característica a antecipação das notícias, chamadas furo. (...) Nesta coluna, observamos que em 90% das edições analisadas há pelo menos uma nota em primeira mão. Um bom exemplo disso é a informação publicada no dia 24 de novembro, na qual a colunista fala sobre a árvore de natal do shopping de Belo Horizonte que só se tornou pauta para a imprensa geral dias depois. (FERREIRA, 2006, p.57)

O fato de que praticamente todas as colunas veiculadas a esse jornal trazerem notícias dadas em primeira mão, nos revela que um dos critérios usados nos jornais é da novidade. É interessante para o repórter, para o editor, para o dono do jornal e para o leitor, que a coluna tenha muitos furos. Pois todos ganham com a notícia em primeira mão, o profissional é mais valorizado, as competições com os adversários são vencidas, e o leitor fica bem informado. A coluna ganha mais credibilidade quando lança o conteúdo em primeira mão e pauta outros jornais.

O uso do valor-notícia de notoriedade é facilmente diagnosticado em qualquer coluna social. Grande parte dos personagens retratados nos textos são pertencentes às elites, a alta sociedade da cidade. Como já foi lembrado nesse estudo, uma pessoa pertencente a uma família de prestígio sempre será notícia nessas colunas, qualquer fato que ela faça será noticiado independente de sua relevância. O aniversário de determinada fulana rica e bem nascida, sempre será mais importante para os jornais que o da cicrana desconhecida. Isso acontece desde dos primeiros periódicos até os atuais, é uma das principais marcas do colonismo social brasileiro. Como exemplo podemos usar uma nota publicada na coluna Hit, onde uma família da região ganha visibilidade devido ao seu *status*.

Conhecido corretor de BH recebeu a incumbência de procurar compradores para três enormes fazendas no norte de Minas, nos municípios de Pedra Azul e Almenara. Os vendedores são os herdeiros do saudoso empresário e fazendeiro Denner da Cunha Peixoto, de uma das famílias mais tradicionais da região. As fazendas são atraentes por detalhes especiais: possuem grandes jazidas de cristal, granizo e pedras semipreciosas. (FERREIRA, 2006, p.56)

Utilizando ainda essa nota, podemos notar a presença de mais alguns critérios de noticiabilidade. O valor-notícia de proximidade é bem presente nesse trecho. Se a notícia fosse de uma fazenda pertencente a uma família do sertão nordestino certamente não seria notícia nesse jornal mineiro. Isso ocorre devido à distância do acontecimento, o leitor gosta de ler assuntos que mostrem a sua realidade, que revele fatos de sua comunidade ou no máximo de seu estado, nunca de uma região que não tenha interesse.

Personalização, brevidade, a atualidade e possivelmente a simplificação também foram critérios usados para a escolha dessa notícia. Sobre personalização podemos afirmar que o texto traz para o leitor a sensação de ser algo próximo de seu cotidiano, das suas atividades diárias. O personagem deixa a sensação de ser alguém possivelmente conhecido dos leitores. Curta, breve e objetiva, a nota também reflete o critério de brevidade. Quanto mais simples e fácil de ser retratado, maiores são as chances de um determinado fato ser escolhido pelo repórter ou colunista como notícia. Já sobre a atualidade, podemos afirmar que a coluna traz

algo novo e de certa forma atual para os leitores, por isso esse critério pode ter sido usado na escolha. Sobre a simplificação não podemos afirmar com veemência que foi um critério usado, pois isso é definido entre as assessorias e os colunistas. Mas se caso, os personagens envolvidos tivessem uma assessoria de comunicação que realizasse o canal de comunicação com o veículo, possivelmente essa nota teria mais chances de ser veiculada. Pois a facilidade de excursão pode ser um diferencial na escolha da pauta.

Outro critério muito utilizado nas colunas é a quantidade de pessoas envolvidas, podemos afirmar que uma festa com 5000 convidados possivelmente tenha mais destaque no jornal do que um evento com 50 pessoas. Pois grandes aglomerações sempre levantam mais interesse do que pequenos encontros.

No entanto, ao analisarmos qualquer um desses critérios devemos levar em consideração o valor de cada um e combinação com os outros que o envolvem o assunto. Por exemplo, essa festa que reuniu 5000 pessoas, só será notícia nas colunas sociais se alguém notável esteve presente. Pode acontecer de ser noticiada a festa com 50 pessoas, por que todas eram pertencentes à alta classe ou era um acontecimento mais próximo a comunidade do jornal. Enfim, vale frisar que na análise de uma pauta o jornalista não leva em consideração apenas um critério de noticiabilidade, deve ser levado em conta à combinação de todos, e sobressaísse a escolha do critério de noticiabilidade mais forte no acontecimento.

### 3. CONCLUSÃO

Pertencente ao jornalismo desde de seu início, as colunas sociais se tornaram com um passar dos anos um estilo jornalístico respeitável e com uma grande aceitação do público. Realizadas normalmente por profissionais carismáticos, o colunismo social brasileiro teve seu auge nas décadas de 50 e 60. Atualmente ainda se matem vivo, mas sem o mesmo brilho dos anos anteriores.

No decorrer deste estudo foi analisado o papel das colunas sócias no jornalismo. Foram questionados os gêneros pertencentes, a história do colunismo social e os critérios de notícias atuais. Com isso podemos alcançar grande parte dos nossos objetivos propostos.

Começamos analisando em qual gênero jornalístico o colunismo social estava enquadrado, no entanto, a análise não pode ser mais específica pela falta de uma classificação especial para as colunas sociais. Todos os autores citados no estudo faziam suas análises sobre o colunismo de uma forma geral, sem especificar classificações para suas ramificações. Contudo, podemos verificar que todos os autores classificavam as colunas como pertencentes ao gênero opinativo, nenhum autor sequer levantou a hipótese do colunismo pertence ao gênero informativo.

Também buscamos analisar uma das mais importantes figuras do colunismo social no país, os textos de Ibraim Sued foram comparados com a essência das colunas sociais atuais. Com isso podemos concluir que atualmente esse gênero jornalístico ainda emprega alguns princípios adotados por Ibraim, no entanto, a opinião, muito presente nas antigas colunas, veem mantendo um papel mais discreto no jornalismo atual.

A pergunta problema: Quais são os critérios de noticiabilidade do jornalismo atual? Foi respondida com exatidão. Atendendo assim nosso objetivo principal com clareza, com base na pesquisa, pôde-se perceber que as colunas sociais seguem os critérios de notícias atuais e os empregam de forma bem coerente.

Para escrever uma coluna social nos jornais brasileiros o colunista deve se perguntar sobre a notoriedade do personagem, questiona-se sobre a proximidade do fato ao público do jornal, preocupa-se sempre se a pauta é nova, caso seja, deve ter um grande destaque por se tratar de um furo. A quantidade de pessoas envolvidas

também é um fato importante, assim como a personalização, que seria a identificação do leitor com o personagem principal da nota.

Todo material colhido nesse estudo foi fruto de pesquisas em livros, artigos e monografias. Com base nessas leituras, podemos concluir que mesmo sendo um tema bem próximo a sociedade, não há pesquisa suficiente a respeito. No entanto todos os autores que retrataram o tema, o fizeram de forma clara e coerente, e em geral com olhares distintos. A falta de bibliografia específica foi uma das principais limitações do estudo. A análise visual das colunas, em especial as fotografias, também é recuso importante que poderá ser estudado em uma pesquisa futura.



#### **4. DESDOBRAMENTOS PARA FUTUROS TRABALHOS**

Além da análise visual, onde poderá ser observada a importância da fotografia para as colunas sociais, outros itens relacionados a esse assunto podem ser discutidos em futuras pesquisas. A questão dos gêneros jornalísticos e os critérios de noticiabilidade empregados no colunismo social atual, merecem um estudo mais detalhado. Há uma necessidade de se estudar mais profundamente as colunas sociais atuais, fazendo uma análise de discurso sobre o conteúdo veiculado nos jornais, tanto nos periódicos de pequeno porte quanto nos grandes jornais.

Em futuras pesquisas poderá ser abordada e averiguada a possibilidade do uso de matérias pagas nas colunas, e em consequência a interferência desta prática no resultado final dos textos. A questão ética também merece ser ressaltada, questionando a postura dos profissionais que desenvolvem essa prática. Outra possibilidade é o desenvolvimento de uma pesquisa quantitativa verificando os temas abordados no gênero. Assim poderá ser mostrado quantas matérias há relacionadas a determinados assuntos como política, economia, cultura, moda, entre outros.

A questão dos gêneros merece destaque, especialmente pela falta de uma classificação específica para o objeto de estudo. Os autores que classificam as colunas, não fazem menção ao colunismo social. De forma geral, os principais autores classificam as colunas como pertencentes ao gênero opinativo. No entanto, ao analisarmos os critérios de notícia das colunas sociais, podemos verificar que um dos principais valores-notícia é o da novidade, o chamado furo jornalístico. Mas se há o furo, há informação, formando assim um paralelo contraditório. Por essa razão, uma pesquisa destinada especialmente aos gêneros jornalísticos ajudaria a solucionar essa questão.

O conteúdo dessa pesquisa sanou diversas dúvidas sobre o colunismo social. Contudo, é apenas o começo para um grande desdobramento que o assunto merece. Desta forma esse material fica como base para a continuidade nos estudos na área, a qual merece uma atenção especial.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa Informativa, Técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo. Ed. Importadora Americana. 1969.

COUTINHO, Iluska. **Colunismo e Poder: representação nas páginas de Jornal**. Espírito Santo. 2007.

FERREIRA, Alexandre Leonardo de Alvarenga. **Coluna Social: Elemento Utilizados no colunismo social que remetem ao processo de projeção e identificação do público, caracterizados por Edgar Morin**. Belo Horizonte. 2006.

MELO, José Marques. **Jornalismo Opinativo, 3ª edição revista e ampliada**. Campos do Jordão. Ed. Mantiqueira de Ciência e Arte. 2003.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo. Ed. Contexto. 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. **As Notícias e os seus efeitos, As “Teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos *Media* Jornalísticos**. Universidade Fernando Pessoa. 1999. Disponível em: [http://bocc.ubi.pt/pag/\\_texto.php?html2=sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html](http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html). Acesso em: 10/09/2009.

RIBEIRO, Regina. **Coluna Social**. 2002. Disponível em: <http://opovo.uol.com.br/opovo/ombudsman/reginaribeiro/150511.html>. Acesso em: 08/08/2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, Volume II, A Tribo Jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis. Ed. Insular. 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **A Coluna de Ibrahim Sued – um gênero jornalístico**. Rio de Janeiro. 2003. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/travancas-isabel-coluna-ibrahim-sued.pdf>. Acesso em: 12/09/2009